

# Conferência na SVD Fátima, 2007-11-17

## Oriente / Ocidente – Ecos de uma tradição espiritual única?



### 1 Caminhando até vós, hoje e aqui

#### 1.1 *Uma Promessa em Fátima*

Deixem-me começar por lhes apresentar a razão mais remota de eu hoje aqui estar convosco...

Os budistas-zen costumam usar o seguinte Koan:

- Qual era a tua face antes dos teus pais se terem conhecido ?

Qual seria então a minha face quando a minha mãe, com quase com 40 anos de idade, pediu ao meu pai que a levasse a Fátima, num 13 de Outubro há 50 anos atrás, para pedir à virgem que lhe desse um filho?

E qual seria a minha face na mente do meu pai que sempre arranjava forma de adiar o anseio da minha mãe:

- A vida está pior que nunca, mulher! Há lá agora condições para se ter um filho. A gente mal tem para comer!

- Oh homem, e quando a gente for velhinhos, quem cuidará de nós?... E no fim quando partirmos depois de tanto trabalho e esforço o que deixaremos cá? Meia-dúzia de tostões? E quando os bichos nos roerem a carne, o que ficará depois?
- O que fica? ficam os bichos a rir-se de nós, pois claro!
- Olha homem, se já levaste a Fátima tantos turistas de todo o mundo no teu táxi, não és capaz de me levar a mim, uma vez que seja?
- Tu a Fátima? Para quê?...
- Quero rezar, quero fazer um pedido, quero fazer uma promessa.

Fosse como fosse, a tremenda fé da minha mãe acabaria por levar a melhor e, nove meses depois, no dia 13 de Julho de 1958, a tal face deu-se finalmente a conhecer.

## **1.2 Auto-catequese**

Aos seis anos o meu pai continuava renitente:

- Catequese para quê?
- Oh homem, pode-se lá viver sem Deus!?
- Eu vivo!...
- Pensas tu...
- E para que é que isso lhe vai servir? Para lhe encher a cabeça de tretas!...

Acontece que havia uma Bíblia lá por casa que, “por acaso”, me foi deixada à mão e, como os livros não abundavam por ali, comecei pelo princípio... que era o Verbo... quando a luz se separou das trevas...

A minha primeira classe foi feita com dois livros, aquele que todos tinham, com o menino da mocidade portuguesa na capa, e outro bem mais pesado para mãozinhas tão pequenas, de capa preta e austera, com palavras difíceis de soletrar e uma fita de marcação carmim que ia avançando nas páginas, primeiro devagarinho, depois bem mais depressa.

No meio do Inverno, eu contava empolgadamente a todos lá de casa as histórias maravilhosas que ia lendo, de Noé – o homem que tal como eu adorava levar animais para casa – a Abraão que quase matou o seu filho Isaac... (“Bolas, e se o meu pai se lembrasse? Se calhar é melhor mesmo que ele não acredite em Deus!...”).



Por alturas de Maio a minha mãe resolveu que seria melhor falar com as catequistas que ficaram maravilhadas que eu tivesse aprendido tudo aquilo, por uma bíblia de adulto sem uma única aula de catequese e, foi assim, depois de algumas afinações e diligências junto do pároco local que eu acabei por vestir o meu melhor fato para a primeira comunhão, na igreja do Monte de Caparica.

Aos 9, 10 anos, tendo começado a estudar em Almada, dei com o paraíso na terra: a livraria do Diário de Notícias em Almada.

– Ena pá! quantos livros haverá no mundo? Para aí uns milhares ou mesmo milhões... E ali bem no centro da montra «Buda»<sup>1</sup>.

Deixei-me enfeitiçar por aquela face gordinha pelo cabelo às ondinhas e aquele misterioso olhar de compaixão, um olhar andrógino como o dos anjos.

Aprendi que *Siddharta Gautama* por querer conhecer o mundo dos homens abandonara o conforto de uma vida abastada e fiquei encantado por encontrar estranhos paralelos: Um dia um rico abeirou-se de Buda para se tornar seu discípulo.

– Queres seguir-me? Pois então abandona todos os teus bens e segue-me...  
– Hum onde é que eu já ouvi isto? ... “É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha...”

A Bíblia falava de Deus, a todo o momento. Buda, aparentemente, evitava pronunciar o seu nome e no entanto a presença divina estava latente em tudo o que dizia e a compaixão por todos os seres, não era mais do que outra forma de falar do Amor a Deus e do respeito e admiração por todos os seres por ele criados.

---

<sup>1</sup> “Buda”, de André Bateau.

Em muitas frases dos discípulos do Budismo Zen, eu encontrava ecos do sermão da montanha:

- “Olhai os lírios do campo eles não porfiam nem tecem ....” – dizia Jesus.
- “Sentado serenamente, sem nada fazer, a Primavera há-de chegar, e as flores vão florir.” dizia o monge Zenrin.

E a vivência do “aqui e agora” de Cristo – “Deixai que o amanhã se preocupe com o amanhã” – tornara-se, por si só, uma espécie de forma de vida por inteiro para os monges Zen “Ah o velho lago, o salto da rã, o baque na água...”

Pressenti também, que as aparentemente enormes diferenças entre a religião cristã e a espiritualidade budista, derivavam sobretudo dos contextos culturais diferentes, mas que a essência da compreensão do divino era a mesma.

Os Ocidentais dividiam e dissecavam, enquanto que os Orientais uniam e integravam. Enquanto que os Ocidentais tendiam a opor o corpo material (imperfeito e impuro) ao espírito (centelha divina) – como uma chama de vela que flutua sobre a cabeça de um santo – os Orientais tendiam a ver o espírito como algo de indissociável do corpo, um pouco como a chama da vela que, para arder, precisa do coto e do pavio.

Aliás essa capacidade sincrética permitia aos Orientais conciliar, ontem como hoje, com toda a naturalidade, dois aspectos aparentemente contraditórios da natureza humana – a espiritualidade divina e o espírito marcial...

É certo que a história já me ensinara que também tínhamos tido os nossos cavaleiros templários e o nosso Santo Condestável, mas o que me fascinava era que os monges guerreiros do Oriente não pareciam ter interrompido o seu caminho algures na Idade Média. Não, eles pareciam ter continuado a caminhar por séculos e séculos até aos dias de hoje...

Comecei a perceber que os Orientais se referiam constantemente à alegoria de um Caminho de evolução para o espírito, que deveria ser percorrido aqui na Terra, enfrentando tormentas e perigos e inimigos...

*Boddhidarma*, o lendário monge budista indiano que atravessara os Himalaias, caminhando por milhares de quilómetros para ensinar aos então frágeis monges do

Mosteiro de Shaolin em Honan na China as disciplinas de adestramento físico e de auto-defesa (por vezes designadas por *Kalaripayat*) desenvolvidas ao longo de milénios no Vale do Indo, tornou-se o símbolo vivo dessa tradição.

E eu dava comigo a pensar se Jesus Cristo nesses anos misteriosos em que pouco ou nada se relata da sua vida, não teria iniciado, ele próprio, aos 13 anos, um caminho que o levaria ao Oriente, que o traria de regresso à Palestina já com 30 anos...

É que, para mim que desde os 6 anos de idade seguia os ensinamentos do meu pai na Arte do Varejo<sup>2</sup>, a cena bíblica dos vendilhões do templo só faria sentido se Jesus, para além da força da justiça e da razão, dominasse razoavelmente a técnica de manuseamento da vara... De outra forma, num espaço fechado, cercado por dezenas de vendedores provavelmente munidos de bastões e outros objectos, seria difícil expulsá-los do templo sem ser rapidamente cercado e dominado...

Em meados da década de 70, nos meus 12 ou 13 anos, passava na TV (ainda a preto e branco, claro está) o “Sinal do Dragão” – uma série em que um jovem monge, educado desde a infância num mosteiro budista, saíra em missionaçã pelo mundo, vagueando pelo faroeste, pregando a paz e defendendo-se de mãos vazias, com técnicas de kung-fu, de todo o tipo de adversários armados.

Também passavam no cinema, os célebres filmes de Bruce Lee, mas esses – apesar da qualidade técnica impecável – não tinham o fascínio filosófico que David Carradine tão bem imprimia...

Essa busca da espiritualidade inerente às chamadas “Artes Marciais” levou a que os meus olhos pousassem sobre um livro de Aikido<sup>3</sup> – uma arte fascinante (à qual voltaremos) mais à frente. Tinha encontrado a terceira peça do puzzle: à marcialidade e à espiritualidade juntava-se agora a Arte!

Foi essa tríade indissociável – espiritual / marcial / artístico – associada à deia de Caminho, que me trouxe até aqui, hoje.

---

2 Vulgarmente conhecida em Portugal como “Jogo do Pau”.

3 “This is Aikido” de Koichi Tohei.

### **1.3 Obstáculos**

Sempre me pareceu que as inúmeras veredas desse tal caminho, que os chineses designam por “Tao” e os Coreanos e Japoneses por “Do”, convergiam em uníssono – um pouco à maneira da célebre frase de Teilhard de Chardin “tudo o que sobe converge” – para um mesmo destino: Deus!

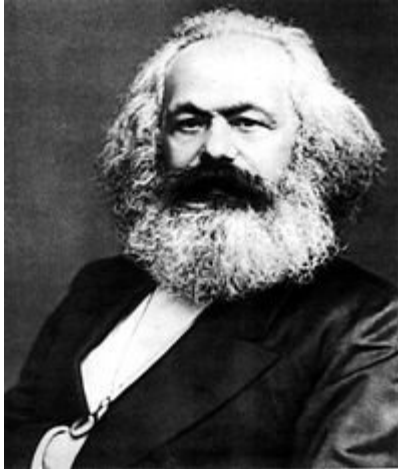
Como vimos acima, até aos meus 16 anos, não encontrar grande dificuldade em albergar no peito juntamente com a espiritualidade cristã da minha infância, a espiritualidade oriental do “monge-artista-guerreiro”.

Para tal muito me ajudara a leitura de outra biografia fascinante – a de Mahatma Gandhi – que aliara ao conceito de luta pela justiça, o conceito de Ahimsa ou “não-violência”, primeiro mandamento do Jainismo mas omnipresente em todas as religiões do Oriente.

Até aí o que aprendera no liceu ainda não chocara com esta minha aventura de exploração da espiritualidade.

Mas em breve a minha convicções ingénuas de adolescente iam ser duramente postas à prova.

Até então nunca me ocorrera sequer contestar aquilo que os meus professores me tinham ensinado: quem ousaria pôr em dúvida o número “pi” ou o Teorema de Pitágoras? A matemática e a ciência demonstravam-se, e eram portanto verdades inelutáveis.



Como encarar então as “verdades” que os professores me transmitiam na aula de *Introdução à Política* – “A Religião é o ópio do povo”, Karl Marx – ou na de *Ciências Naturais* – “Deus, não existe, a evolução na Natureza é fruto do acaso e da competição pela sobrevivência”.

Porque seria que me soavam tão mal? Porque seria que o meu coração se recusava a aceitá-las?

O primeiro dos obstáculos não levei muito tempo a contorná-lo quando julguei compreender que a “religião” a que Marx se referia nada tinha a ver com a espiritualidade que eu sentira desde criança e que tentara enriquecer e cultivar. Ele referia-se à religião como fuga da realidade e eu concordava que o culto dessa religião, não era mais do que uma forma diferente de um mesmo culto que atravessara transversalmente todas as eras, desde o culto dos ídolos do Antigo Testamento ao culto dos ídolos do futebol de agora. Talvez concordasse que esse ópio fosse mau para o povo, sim.

Mas pareceu-me que eliminar de um só golpe a Espiritualidade por causa dessa “religião” talvez fosse o mesmo que deitar fora o bebê, juntamente com a água do banho. De modo que decidi seguir em frente com o meu caminho de busca.

Já o “obstáculo” da ciência foi mais difícil de contornar... A ideia da Natureza “auto-sustentada” que me era brilhantemente transmitida pelos Doutores da Faculdade de

Ciências, a total desnecessidade de um “Criador” parecia elegante e atractiva senão para o meu coração, pelo menos para a minha mente.

Numa primeira fase não tive outro remédio senão desdobrar o meu ser em dois:

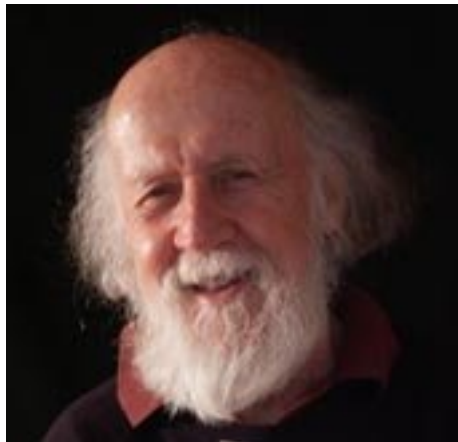
- Um continuou a caminhar pela espiritualidade muitas vezes com o auxílio do “Do”
- O outro tornou-se Engenheiro, que não sendo exactamente um cientista, também bebe nas mesmas fontes racionalistas, na Matemática, na Física, nas Ciências do Ambiente...

### **1.4 Unindo os Caminhos**

Durante mais de 15 anos tive de conviver, em horas diferentes, com o duplo caminhante desses dois mundos, sem saber qual deles era o Jekyll e qual o Mr. Hyde...

De dia exercia a minha profissão de Engenheiro Urbanista, projectando estradas e edifícios, com as leis da Geometria e da Física dos Materiais.

À noite aprofundava contactos com a Filosofia prática Japonesa, estudando Karate-do, e Aikido mas também Shiatsu e os caminhos da Energia Vital (*Ki*) pelo Corpo-Mente.



Até que um dia me deparei com a maravilhosa obra do astrofísico e poeta Hubert Reeves: “A Hora do Deslumbramento”.

Lembro-me que a leitura desse livro foi um fim de semana de absoluto êxtase para mim enquanto caminhava pelo percurso do homem que:

- em pequeno se maravilhava com as cores do pôr-do-sol na sua terra, o Canadá, sentindo o brilho de Deus no seu coração
- que em jovem e adulto se aventurara nos confins do espaço sideral como Astrónomo brilhante, descobrindo os segredos do nascimento, vida e morte das Estrelas, desbravando o Universo até aos confins do Espaço-Tempo e recuando até ao início de tudo, até aos segundos iniciais do Big-Bang... E como, nesse glorioso Caminho se perdera de Deus
- e do mesmo homem que, na idade madura se reencontrara sem querer com Deus, ao perceber, matematicamente com as leis da probabilidade e da estatística, que:
  - seria muito mais provável que as dezenas de milhar de peças desmontadas de um Jacto 747 se montassem sozinhas, dentro de um hangar onde se criasse um turbilhão de vento
  - do que o Universo se montasse por si só, obedecendo apenas às Leis do Acaso.

Também ele, consciente da sua ignorância face aos mistérios do Universo se acanhava (e creio que ainda se acanha) de usar o nome de Deus... Mas a pergunta do subtítulo do livro <sup>4</sup> “Terá o Universo um sentido?” amplamente demonstrada no interior, não acabará por falar de Deus sem pronunciar o seu nome?

Hubert Reeves ajudou-me a unir os meus dois caminhos, o da ciência e o da espiritualidade, permitindo-me ver que, no princípio e no final do percurso científico o homem se acaba por reencontrar com a sua espiritualidade.

Mas isso seria tema para uma outra conferência, talvez num outro espaço-tempo. O que nos traz hoje aqui é a vivência da espiritualidade cristã no Japão.

Era disso que eu gostaria de falar nesta segunda parte da minha palestra apresentando-lhes o meu testemunho da Vivência da Espiritualidade Católica pelos meus Mestres Japoneses.

---

4 A Hora do Deslumbramento, Hubert Reeves, 1ª Edição Gradiva, 1986.

## 2 A Vivência da Espiritualidade pelos meus Mestres

### 2.1 Tetsuji Murakami



O Mestre da minha vida foi Tetsuji Murakami.

Conheci-o aos 15 anos e, tive a honra de caminhar a seu lado pela Via do Karate-do Shotokai desde 1973 até ao seu falecimento em 1987.

Embora me ensinasse Karate no dojo<sup>5</sup> foi tão marcante a Arte e Técnica que me transmitiu como a sua postura perante a Vida nos domínios ético e espiritual e, olhando para trás hoje, 20 anos após a sua morte vejo que foram estes últimos aspectos os que mais me marcaram.

Tetsuji Murakami nasceu em 1927 e cresceu num meio cuja religião era um sincretismo de várias componentes:

- como moral social o Confucionismo,
- como expressão religiosa, uma simbiose entre o Budismo-Zen (tradicional num samurai) e o xintoísmo (religião semi-oficial do Japão).

---

5 Em japonês “dojo” pode ser traduzido como “local onde se pratica a via”.

Em 1957, aos 30 anos, veio leccionar Karate por um ano para Paris, mas acabaria por fixar residência em França onde acabaria por constituir família, vivendo na Europa o resto da sua vida.

Em 1967 regressou ao Japão para o funeral de seu pai e ali ficou por alguns meses, travando conhecimento com Shigeru Egami Sensei, o sucessor do introdutor do Karate-do no Japão – Gichin Funakoshi O-Sensei – e discípulo de Inoue Sensei, sobrinho do fundador do Aikido e seguidor acérrimo de um movimento espiritualista que fez furor no Japão dos anos 30, antes da Segunda Guerra Mundial – o Omoto-kyo.

Na mesma altura em que se tornou discípulo de Egami Sensei, Murakami acabaria, porém, por abraçar a religião da sua esposa Maria de las Nieves, de naturalidade Espanhola e que tinha sido educada no rigor de um Colégio Católico.

A sua postura espiritual pode ser sintetizada numa única frase. Quando um dia um aluno lhe perguntou: “Porque é que o Mestre sendo japonês e tendo como religião de origem o budismo, gosta de ir à missa à Notre Dame de Paris, que é um templo católico?”. Resposta do Mestre: “Sabe, em primeiro lugar eu adoro a música de órgão e, em Paris, onde os templos budistas escasseiam, a forma mais rápida de chegar a Deus é essa, não acha?”.

Murakami Sensei foi baptizado e casou-se pela primeira vez, no Japão, num Templo Xintoísta. Dez anos depois da sua chegada a Paris abraçou a religião católica e voltou a casar-se em Paris num templo cristão, passando a acompanhar a sua esposa nas missas dominicais. Em Janeiro de 1987 quando faleceu, teve um funeral cristão (ainda que o aluno português que o acompanhou nos últimos minutos, tivesse recitado três vezes o cântico budista *Hannya Shingyo* à beira do seu leito de morte). Há dias, quando se celebrou o Memorial por ocasião do 20º Aniversário do seu falecimento, na Igreja Católica de Saint-Séverin em Paris, a leitura da missa que mais me impressionou foi a Carta de São Paulo aos Coríntios em que este faz o elogio da Caridade.

Não terá sido por acaso que a sua esposa escolheu esta leitura, para este momento simbólico... Todos os alunos próximos notaram que, após a sua adesão ao catolicismo, através da dádiva de Amor da sua esposa, o coração do Mestre pôde desabrochar em compreensão, em ternura pelo seu filho Carlos Hiroshi, em tolerância face aos defeitos dos seus alunos, que passou a ver como filhos também. E, embora a forma de se

sentar em Seiza <sup>6</sup> para meditar, todas as noites, fosse aquela que os nossos joelhos ocidentais pouco tempo suportam, e que a língua da sua “oração” continuasse a ser a da sua infância a generosidade da sua Alma pôde continuar a enraizar e a crescer aqui no Ocidente, apesar das diferenças do ritual religioso.

Não gostaria de terminar sem fazer uma breve referência à espiritualidade de dois outros Mestres japoneses que muito influenciaram a minha vida, um na juventude, outro nos últimos anos.

## ***2.2 Michio Kushi***

O Mestre Michio Kushi nasceu no Japão mas cedo partiu para os EUA onde ainda hoje



vive, em Brookline, Massachusetts. Foi o grande introdutor do Movimento Macrobiótico no Ocidente – tendo influenciado gerações inteiras com a sua filosofia de vida, inspirada nos conhecimentos da Medicina Tradicional Oriental e especialmente do Budismo Zen e do Taoísmo, aplicados ao dia-a-dia: alimentação, culinária, agricultura, comportamento e estilo de vida. Os seus livros <sup>7</sup> e as suas conferências contribuíram decisivamente para uma visão mais ecuménica e sincrética das várias filosofias Orientais e Ocidentais e, acima, de tudo a sua enorme capacidade, bem japonesa, de integrar essas filosofias na prática da vida diária.

---

6 Forma de se sentar sobre os calcanhares tipicamente japonesa, com o peito do pé no chão .

7 Saliento aqui dentre as suas publicações em língua portuguesa: “Saúde e Felicidade pela Macrobiótica”, “O Livro da Macrobiótica” e “Práticas Espirituais”.

A mensagem de Michio Kushi que mais me marcou foi a de que a Tradição Espiritual da Humanidade é única e que as várias Culturas apenas se apropriam de aspectos parciais dando-lhe tonalidades diferentes. O seu lema “Um Mundo Uno de Paz” tão semelhante à mensagem do fundador do Aikido Morihei Ueshiba Sensei, inspira-nos a ver o Mundo como algo de precioso que urge compreender, preservar e respeitar...

A sua perspectiva prática pode ser sintetizada na seguinte resposta dada a um aluno que o inquiria acerca da fome no Mundo:

- Fome? A fome no Mundo não se deve à falta de alimentos, mas à falta de generosidade. Se cada Americano pusesse de lado apenas um grão de arroz a cada refeição e se o fizesse chegar à boca dos famintos, acabaria a fome no Mundo.

### **2.3 Michiomi Hakamada**



A mensagem de generosidade que Mestre Hakamada nos deixou, ele também convertido ao Cristianismo já na idade adulta, não precisa de muitas palavras, basta que se diga que:

- Durante mais de 10 anos dedicou a sua vida, em absoluto, ao ensino da Língua e da Cultura Japonesas no nosso país, sobrevivendo em boa parte dos primeiros anos que esteve entre nós, com metade do ordenado mínimo nacional, acarinhado por alunos fiéis que o quiseram sempre ajudar.

Quis o destino que falecesse há cerca de dois anos com uma pneumonia fulminante, exactamente no momento em que o Curso de Língua Japonesa do Centro de Artes Orientais estava a abarrotar de alunos que adoravam o seu “understandable!” seguido de uma gargalhada sonora, sempre que os alunos se enganavam na construção de uma frase em japonês.

A sua capacidade de dádiva, pode ser ilustrada pelo facto de, na própria véspera do dia em que faleceu me ter mandado uma mensagem de Amor e Carinho quase paternais e que, por ser tão íntima me escuso aqui de partilhar convosco.

Também ele teve um funeral cristão, com uma missa que lhe foi dedicada pela sua esposa portuguesa e pelos seus alunos dedicados, que o recordam com muita saudade.

### 3 Sintetizando

O “espírito prático” com que os japoneses se dirigem a um templo Xintoísta para celebrar o Miyamairi<sup>8</sup> de uma criança ou, alguns anos depois, a um templo católico para o casamento de um filho e, na semana seguinte, a um templo Budista para assistir às cerimónias fúnebres de um familiar, é algo que não é fácil de entender para um Ocidental ao primeiro contacto...

Mas essa incompreensão pode ser vista do outro lado: será que o japonês não olha para a nossa fidelidade a uma religião única como se fosse um certo facciosismo da nossa parte, uma certa incapacidade de fusão ecuménica que, para ele, de tão embrenhada que está na sua cultura já se lhe tornou tão natural como respirar?

Já que os japoneses entendem que a dimensão de Deus é, por definição, inatingível, daí decorre que, para eles, nenhum dos caminhos religiosos será em si mesmo completo ou absolutamente verdadeiro. Todos são veredas imperfeitas...

Tal como o doce aroma a incenso que perpassa pelos templos budistas, xintoístas ou cristãos, e que os nossos pulmões absorvem, indiferentes à cor do hábito do monge que acendeu o pavio, não poderá a nossa alma intuir a vibração divina da palavra de Deus indiferentemente do sotaque e da tonalidade da voz que a transmite?

Talvez seja importante levar isto em conta, quando nos colocamos numa perspectiva de missão católica no Japão.

José Patrão

shotokai@netcabo.pt

www.cao.pt

---

<sup>8</sup> Miyamairi é um ritual xintoísta: um mês após o nascimento de uma criança, os seus pais e avós levam-na a um santuário para mostrar gratidão e pedir ao clérigo que reze pela boa saúde e felicidade da criança.